

A MANCHETE ENTRE A INFORMAÇÃO E A DEFORMAÇÃO DE DIZERES: MODOS DE ENTRADA DO DISCURSO ALHEIO E POSICIONAMENTO JORNALÍSTICO

Aline Milena Borges da Silva Dias¹

Resumo: Os diferentes arranjos do discurso citado na manchete têm feito-o circular para além de seu domínio institucional, em comunidades digitais, como sites e redes sociais, voltadas à produção do humor. Assim, este estudo objetiva investigar os efeitos da demarcação do discurso alheio na manchete para a leitura humorística do posicionamento jornalístico. A pesquisa insere-se na Análise Dialógica do Discurso (ADD), tendo, assim, por fundamentação os trabalhos de Bakhtin (2002; 2010); Volóchinov (2021); Brait (2003) e Vianna (2014). Também considerou-se os estudos de Authier-Revuz (1990; 2004). Nas duas manchetes, observou-se que o discurso alheio integrou sintaticamente o discurso, sendo posto como objeto de intenção de um afastamento, por meio das aspas. Na primeira, o humor decorre da justaposição do discurso-outro a um trecho seguinte da manchete inesperadamente contrário ao sentido desse primeiro discurso. Na segunda, o distanciamento assume também uma conotação irônica, pois altera-se o discurso alheio simultaneamente utilizado e mostrado, fazendo soar sob essa utilização um questionamento acerca de sua própria legitimidade.

Palavras-chave: Manchete. Discurso alheio. Posicionamento. Demarcação. Aspas.

THE HEADLINE BETWEEN INFORMATION AND THE DEFORMATION OF SAYINGS: MODES OF ENTRY OF FOREIGN DISCOURSE AND JOURNALISTIC POSITIONING

Abstract: The different arrangements of the discourse cited in the headline have made it circulate beyond its institutional domain, in digital communities, such as websites and social networks, aimed at the production of humor. Thus, this study aims to investigate the effects of the demarcation of the discourse of others in the headline for the humorous reading of the journalistic positioning. In the two headlines, it was observed that the speech of others syntactically integrated the speech, being placed as an object of intention of a departure, through quotation marks. In the first, the humor stems from the juxtaposition of the speech-another to a subsequent passage of the headline unexpectedly contrary to the meaning of this first speech. In the second, the distancing also assumes an ironic connotation, because it alters the alien discourse simultaneously used and shown, making sound under this use a questioning about its own legitimacy.

¹ Mestranda em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: aline.borgessilva@ufpe.br.

Keywords: Headline. Alien speech. Positioning. Demarcation. Quotation marks.

Introdução

De modo coerente à compreensão da realidade única que cada enunciação representa, Volóchinov (2021) trata dos modelos de transmissão do discurso alheio do ponto de vista de suas modificações. Fincando esse estudo nos limites da língua literária russa, o autor considera a vida real dos modelos da língua, com suas tendências de desenvolvimento que apontam para diferentes modos de percepção ativa do discurso alheio. Nessa direção, ele afirma que cada modelo se realiza apenas na forma de uma certa modificação e revela um modo próprio de reelaborar o enunciado em uma direção unicamente particular. Assim, é dito que o discurso indireto, por exemplo, “‘ouve’ diferentemente o enunciado alheio, [...] atualizando, na sua transmissão, outros aspectos e tons em comparação com os demais modelos” (Volóchinov, 2021, p. 270, grifos do autor).

Ainda segundo Volóchinov (2021, p. 260), os modelos são sintáticos, já as modificações situam-se no limite entre a gramática e a estilística, um limite “metodologicamente improdutivo, além de impossível”, pois, na história da língua, as formas ambíguas, inscritas em algum ponto entre a gramaticalização e a desgramaticalização, são justamente as de maior interesse do linguista. Outra impossibilidade apontada pelo estudioso é a transposição direta e puramente gramatical do discurso alheio de um modelo de transmissão para outro, sem a reelaboração estilística necessária.

Ao buscar captar o funcionamento real da língua, Volóchinov (2021) traz à tona o que Bakhtin (2010, p. 219), em obra posterior, afirma sobre o discurso bivocal, quando menciona que esse “surge inevitavelmente sob as condições da comunicação dialógica, ou seja, nas condições da vida autêntica da

palavra”. Tal discurso é posto como objeto da metalinguística, uma nova área proposta pelo filósofo para “estudo [...] daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da linguística” (Bakhtin, 2010, p. 214). Conforme esse autor, a criação desse novo campo se justifica porque, embora as relações dialógicas não existam sem relações lógicas e concreto-semânticas, são irreduzíveis a estas e têm especificidade própria. Disso resulta que a metalinguística não deve substituir a linguística, mas precisamente aplicar seus resultados enquanto estuda o mesmo objeto sob um outro ângulo de visão.

Sob a lógica do discurso bivocal, Bakhtin (2010, p. 233) reconhece a existência do discurso monovocal, complexificando a sua análise das relações dialógicas no nível do enunciado. Conforme o autor, no primeiro caso, a voz alheia não é só constitutiva do discurso como sentida como tal, fazendo com que a orientação específica dessa voz segunda se perceba juntamente à do autor, implicando dois centros de valor simultâneos em disputa. Já pelo segundo tipo respondem o discurso diretamente orientado para o referente (discurso do autor) e o discurso objeto da orientação do autor (discurso da personagem), o qual é tomado como uma massa compacta e fechada a essa orientação. Ao ser introduzido em um novo contexto, o discurso alheio da personagem “soa como se fosse um discurso direto de uma só voz”. Destaque-se que, embora monovocal e, assim, sem ressonâncias ativas da voz alheia citada, tal discurso objetificado não deixa de representar uma relação dialógica, pois “dois discursos iguais e diretamente orientados para o objeto não podem encontrar-se lado a lado nos limites de um contexto sem se cruzarem dialogicamente [...]” (Bakhtin, 2010, p. 232).

Nesse enquadre, as manchetes são um material farto para a análise das variedades de orientação do discurso autoral em direção ao alheio. Entende-se aqui a autoria não limitada à condição dos sujeitos reais no mundo extraverbal, mas sim como vontade criativa única, personalizada, que marca uma posição de um eu entre outros, isto é, “uma posição determinada diante da qual se pode reagir dialogicamente.” (Bakhtin, 2010, p. 226). Com efeito, a esfera jornalística busca desvencilhar-se desse ímpeto subjetivo, e, para tanto, frequentemente reporta os eventos pela voz de seus protagonistas, fazendo, portanto, uso das diferentes formas de discurso citado. Segundo Vianna (2014, p. 255), “assim são ouvidos os lados envolvidos, reproduzindo as suas próprias palavras e o efeito de objetividade e imparcialidade é produzido.” Tal retrato da objetividade comporta-se como uma isca que, primeiramente, desarma o leitor de possíveis receios na leitura da matéria e, depois, torna-o uma espécie de cúmplice na reprodução dos sentidos nela construídos.

Acerca disso, Brait (2003, p. 102) defende que “a ‘objetividade’ faz parte da retórica do jornal e que é fruto de um tipo de utilização da linguagem condicionada pela instituição imprensa com vistas a produzir um efeito de real”. A autora destaca que o jornal procura apagar traços da subjetividade (mediante a proibição de uso de elementos como primeira pessoa do singular, determinados adjetivos e advérbios e a escolha de determinados verbos para introduzir declarações), com a finalidade de assegurar, perante o leitor, a verdade inquestionável dos fatos. Nessa tentativa, ainda conforme a pesquisadora, o jornal tem a construção de um discurso a partir de outros discursos como traço empírico mais característico de sua escrita, uma forma de garantir a sua credibilidade, esquivando-se da responsabilidade do que noticia. Curiosamente, como

pretende-se mostrar, a estratégia acaba por implicar o efeito contrário, pois os discursos alheios são modificados em seu acento original pela nova intenção discursiva do enunciado jornalístico.

À vista do exposto, sabe-se que “o jornalista, ao divulgar a notícia, imprime novos tons no discurso, assim os enunciados proferidos pelo sujeito já vem embebidos de uma carga valorativa” (Nunes; Silva, 2020, p. 54). De fato, não há como repetir um enunciado sem fundar uma nova enunciação, ainda mais quando o enunciado reproduzido é de outrem (enunciação sobre a enunciação) (Vianna, 2014). Nesse aspecto em particular, tendo-se já desfeito da crença na objetividade jornalística (mesmo parcial) e, logo, assumindo a carga valorativa da manchete, pode-se buscar especificamente entender que propósitos orientam nesse contexto a abordagem das palavras alheias, seja na sua inteira fusão com a voz autoral, que as fazem esquecidas; seja no reforço às palavras do produtor, que as aceita como autorizadas; seja no revestimento dessas palavras externas pelas intenções individuais de tal sujeito, estranhas e hostis a elas (Bakhtin, 2010).

Os diferentes arranjos do discurso citado na manchete têm produzido leituras humorísticas do gênero, fazendo-o circular para além de seu domínio institucional. Por exemplo, comunidades digitais, como sites e redes sociais, utilizam manchetes na composição de conteúdos virais como o meme, quando não a transformam no próprio, originando a manchete-meme. Isso significa que, pelo simples deslocamento de uma esfera discursiva a outra, a manchete da notícia alcança o potencial de fenômeno humorístico replicável. Logo, sem perder a sua função primordial informativa e a ligação com o momento atual, repercute-se indefinidamente pelo traço engraçado que vem a assumir a partir de interpretações criadas sobre o posicionamento do produtor fren-

te à voz citada, as quais sob o viés do riso, questionam o pressuposto da objetividade do gênero, relativizando a sua seriedade original.

Assim, a motivação para a escolha do corpus originou-se justamente do encontro com esse tipo de conteúdo na plataforma de memes iFunny Brasil², nela constava uma publicação de 21 de julho de 2019 com o print de uma manchete de notícia identificada como pertencente ao portal de notícias G1, da autoria de Guilherme Pimentel. A manchete era: “Namorado de Fátima Bernardes não gosta de ser chamado de ‘namorado de Fátima Bernardes’”. A observação da dupla ocorrência de uma mesma e, no contexto, “proibida” expressão – com a única diferença da presença das aspas – fomentou o início de questionamentos sobre o que essa abordagem curiosa do discurso alheio na manchete implicava para o jornal, em termos de sua reação específica à preferência declarada de Túlio Gadêlha. Parecia não se tratar mais de um discurso objetivo e sério, mas parcial e cômico, o que explicaria a sua presença em um suporte não mais concernente à esfera instituição jornalística.

Embora a manchete não tenha sido encontrada no site do G1 e o iFunny Brasil seja um espaço destinado a compartilhamento de memes, o que pode fazer crer que esse conteúdo seja uma criação, o fato abordado na manchete de fato aconteceu e foi noticiado pela mídia. Além disso, os comentários da publicação não parecem indicá-la como uma farsa, a exemplo de “O auge do jornalismo Brasileiro” e “[...] cara que se formou no jornalismo, pensando em matérias emocionantes, e tem que escrever sobre o namorado de Fátima Bernardes!”. De toda forma, a leitura desse material abriu caminho para a delimitação do recorte temático desta pes-

quisa.

Este estudo, inscrito no campo teórico da Análise Dialógica do Discurso (ADD), analisa os modos de entrada da voz alheia em duas manchetes virtuais brasileiras que circulam em uma página de humor do Facebook. O objetivo geral da pesquisa é investigar os efeitos da demarcação do discurso alheio na manchete para a leitura humorística do posicionamento jornalístico. Por sua vez, os objetivos específicos são: i) avaliar que elementos da materialidade discursiva da manchete preparam a incorporação da voz alheia; ii) apontar a função e os sentidos advindos do emprego das aspas.

Para tanto, o artigo está organizado na seguinte ordem: primeiramente, na seção de fundamentação teórica, trata-se dos tipos de discurso bivocal e algumas de suas variedades, bem como dos conceitos de heterogeneidade discursiva constitutiva e mostrada, relacionando essa última à conotação autonímica; logo adiante na metodologia, caracteriza-se a abordagem de pesquisa, além dos procedimentos e critérios adotados para seleção e análise do corpus; na sequência, realiza-se a análise das manchetes; finalmente, nas considerações finais, são reunidos os principais achados do trabalho e apresentadas indicações de possíveis aprofundamentos em torno do tema para o desenvolvimento de novas pesquisas.

Bivocalidade: um caso especial do discurso

Com o estudo do romance de Dostoiévski, Bakhtin (2010, p. 255) refinou a compreensão do discurso dialógico por meio da sua caracterização em tipos e modalidades. O filósofo mostrou que, para o autor referido, o discurso do outro tem uma imensa importância estilística, pois “as ligações dinâmicas, sumamente tensas entre as enunciações, entre os centros autônomos e plenipotentés

2 iFUNNY BRASIL. iFunny Brasil, c2024. Página inicial. Disponível em: <https://br.ifunny.co/>. Acesso em: 14 fev. 2024.

do discurso e da significação [...]” constituem a base de elaboração de sua obra, e não o estilo monológico, em que um discurso é assujeitado à instância significativa última autoral. Assim, Bakhtin (2010) entende que o discurso bivocal é uma das manifestações mais vigorosas e sensíveis da cosmovisão dialógica e que há em Dostoiévski “matéria excepcionalmente abundante” para o estudo das variedades desse discurso e de sua influência em diversos aspectos da construção do discurso em geral. (Bakhtin, 2010, p. 298).

Logo, primeiramente, o discurso bivocal ocorre quando, ao utilizar o discurso alheio para construir seu discurso, o autor não circunscreve, separa ou delimita essa voz em relação a sua própria – pela reprodução *ipsis litteris* das palavras alheias, como ocorre no discurso direto da personagem (segundo tipo). Nesse último caso, conforme Bakhtin (2010, p. 230), as vozes externas são postas num plano diferente e numa distância perspectiva ao discurso do autor (primeiro tipo). São entendidas não apenas enquanto voltadas a um objeto concreto, mas principalmente como objeto de orientação desse agente, enquanto “discurso característico, típico, colorido”. Submetida a tal regime, a voz alheia ocupa precisamente e apenas seu lugar de outra voz que serve aos interesses da voz citante, com sentido e tom originais inalterados, já que a intenção do autor a circunda, mas não a penetra.

Sem fronteiras entre uma e outra voz, as duas enunciações emergem lado a lado no discurso como duas orientações semânticas, configurando o discurso bivocal (terceiro tipo). A sua confusão no fio do dizer faz desse tipo de composição uma arma poderosa do discurso-arte quanto à orientação do sujeito para o outro, tendo em vista a feição imprecisa e incerta do enunciado, particularmente no caso da ironia, que lhe confere uma certa proteção contra répli-

cas questionadoras. Dessa maneira, dentre as variedades do discurso bivocal, Bakhtin (2010) reconhece os de orientação única, vária e o discurso refletido do outro (tipo ativo). A seguir, discute-se brevemente os tipos mais representativos dessas, destacando, conforme os objetivos do estudo, a segunda e terceira variedade.

Um exemplo marcante da primeira variedade é a estilização. Segundo o autor, “o estilizador usa o discurso de um outro como discurso de um outro e assim lança uma leve sombra objetificada sobre esse discurso” (Bakhtin, 2010, p. 234). Em outras palavras, para o autor é importante que esse discurso alheio seja percebido como tal, uma vez que o discurso autoral retoma seus procedimentos. Tal traço faz do discurso estilizado convencional, e, logo, bivocal, na medida em que o “convencional” pressupõe o “não-convencional”. Na estilização, ouve-se, de um lado, a voz séria do personagem (ainda nos termos do romance), e, de outro, a atitude do autor que a observa de fora e a convencionaliza, objetificando de certo modo esse outro ponto de vista referido. Já na imitação, de maneira contrária, há a fusão das duas vozes, uma apropriação direta do estilo do outro no estilo do autor.

A diferença da variedade bivocal de primeiro para o segundo tipo está na relação entre o autor e a intenção do outro. Na estilização, mantém-se o sentido do discurso estilizado, pois “[...] após penetrar na palavra do outro e nela se instalar, a idéia do autor não entra em choque com a idéia do outro mas a acompanha no sentido que esta assume, fazendo apenas este sentido tornar-se convencional.” (Bakhtin, 2010, p. 239). Já na paródia, o outro é ouvido, mas não do ponto de vista de seus objetivos: “a segunda voz, uma vez instalada no discurso do outro, entra em hostilidade com o seu agente primitivo e o obriga a servir a fins diametralmente opostos. O discurso se converte em palco

de luta entre duas vozes.” (Bakhtin, 2010, p. 239). A paródia abre muitas possibilidades tanto a respeito dos elementos parodiados quanto dos sentidos produzidos, e por isso ela é um exemplo, além da bivocalidade, da pluriacentuação e do plurilinguismo do enunciado, e não apenas do romanesco. Como posto, a orientação da paródia é essencialmente vária.

Anteriormente na mesma obra, Bakhtin (2010, p. 151) trata do parodiar carnavalesco, apontando que esse se constitui de formas e graus variados: “diferentes imagens [...] se parodiavam, umas às outras de diversas maneiras e sob diferentes pontos de vista, e isso parecia constituir um autêntico sistema de espelhos deformantes: espelhos que alongam, reduzem e distorcem em diferentes sentidos e em diferentes graus.” O autor menciona os pares carnavalescos de sexos diferentes como exemplos dessas imagens. Semelhantemente, pode-se traçar um paralelo entre o funcionamento de tais imagens e da orientação do discurso autorral ao discurso outro, pois “ao irromper com seu sentido e com sua expressão através do meio de expressões de acentos estrangeiros, harmonizando-se e dissociando-se com ele em diversos aspectos, o discurso pode dar forma a sua imagem e ao seu tom estilístico nesse processo dialógico.” Bakhtin (2002, p. 87).

Bakhtin (2010, p. 241) ainda acrescenta que

[...] ao discurso parodístico é análogo o emprego irônico e todo emprego ambíguo do discurso do outro, pois também nesses casos esse discurso é empregado para transmitir intenções que lhe são hostis. No discurso prático da vida é extremamente difundido esse emprego do discurso do outro, sobretudo no diálogo em que um interlocutor muito amiúde repete literalmente a afirmação do outro interlocutor, revestindo-a de novo acento e acentuando-a a seu modo com expressões

de dúvida, indignação, ironia, zombaria, deboche, etc.

Nesse particular, a paródia está bem próxima da última variedade de discurso bivocal, haja vista que a polêmica velada, um dos exemplos do tipo ativo, também está presente no linguajar do cotidiano, o qual

[...] incorpora todas as “indiretas” e “alfinetadas”. Incorpora, ainda, todo discurso aviltado, empolado, auto-renegado, discurso com milhares de ressalvas, concessões, evasivas, etc. Esse tipo de discurso se torce na presença ou ao pressentir a palavra, a resposta ou a objeção do outro. A maneira individual pela qual o homem constrói seu discurso é determinada consideravelmente pela sua capacidade inata de sentir a palavra do outro e os meios de reagir diante dela. (BAKHTIN, 2020, p. 243).

Na polêmica velada, as palavras alheias não entram propriamente no discurso do autor, mas influenciam de fora esse dizer, refletindo-se nele. Nela, o discurso alheio não é localizável, mas subentendido, pois é atacado pelo discurso do autor apenas indiretamente: “orientado para o seu objeto, o discurso se choca no próprio objeto com o discurso do outro” (Bakhtin, 2010, p. 242). Assim, o sentido concreto da palavra divide lugar com o sentido advindo da orientação centrada no discurso do outro. Por sua vez, a polêmica aberta é direta, isto é, seu objeto é o discurso refutável do outro.

Do mesmo modo, a réplica dialógica também configura um exemplo do tipo ativo, pois “todas as palavras que nessa réplica estão orientadas para o objeto reagem ao mesmo tempo e intensamente à palavra do outro, correspondendo-lhe e antecipando-a.” (Bakhtin, 2010, p. 244). Deriva daí o interesse de Bakhtin pelo dialogismo velado, que ele explica pelo exemplo da retirada, em um diálogo, das réplicas do segundo

interlocutor, sem interferir no sentido geral da interação. Na parte restante, tem-se que cada uma das palavras presentes responde e reage com todas as suas fibras ao interlocutor invisível, sugerindo fora de si, além dos seus limites, a palavra não-pronunciada do outro (Bakhtin, 2010, p. 245). Nesses termos, nota-se que há como esconder composicionalmente essa segunda réplica, mas não há como retirá-la definitivamente no sentido de transformá-la em parte autônoma, pois “a réplica de qualquer diálogo real [...] é constituída e compreendida no contexto de todo diálogo. [...] ela é uma parte orgânica de um todo plurívoco.” (Bakhtin, 2002, p. 92)

Por fim, a relação da paródia com a polêmica reside também na possibilidade de, no caso da primeira, que é uma variedade passiva, haver uma maior atividade da palavra do outro. Deve-se lembrar que a classificação em passiva e ativa diz respeito ao modo como é tomado o discurso alheio. Logo,

Quando a paródia sente uma resistência substancial, um certo vigor e profundidade na palavra do outro que parodia, torna-se complexificada pelos tons da polêmica velada. Essa paródia já soa de modo diferente. A palavra parodiada assume uma ressonância mais ativa, resiste à intenção do autor. A palavra parodiada torna-se internamente dialógica. (Bakhtin, 2010, p. 246).

Entende-se, por essa última citação, o conceito de dialogismo velado proposto por Bakhtin (2010) como um correlato da noção de dialogicidade interna encontrada em Bakhtin (2002). Nas duas obras, o dialogismo que não se mostra no fio do discurso está relacionado à polêmica interna, que, por extensão, pode ser entendida como constitutiva em algum grau de todo discurso, pois nele estão assimiladas e esquecidas toda as refrações – seja favoráveis, seja hostis – por quais passou a palavra ao ser atualizada nos

mais diversos contextos enunciativos. Além disso, estando diluída nos discursos da vida corrente (ideologia do cotidiano), a polêmica se irradia também para os gêneros secundários (ideologia constituída), os quais se formam e se renovam a partir dessas formas cotidianas (Bakhtin, 2021).

Até o momento, tem-se insistido, a partir da teoria dialógica da linguagem, no outro que, segundo Authier-Revuz (2004, p. 25 grifos da autora), “não é nem o duplo de um frente a frente, nem mesmo o ‘diferente’, mas um outro que atravessa constitutivamente o um.” Por ora, cabe considerar também o outro mostrado no tecido do discurso que está sendo produzido, especificamente pela forma da conotação autonímica (Authier-Revuz, 2004).

1.1 Heterogeneidades discursivas e conotação autonímica

Segundo Authier-Revuz (2004, p. 37 grifos da autora), “o lugar do ‘outro discurso’ não é ao lado, mas no discurso.” Com essa afirmação, a estudiosa refere-se à ordem da representação, que nomeia como heterogeneidade mostrada, com as “[...] diferenciações, disjunções, fronteiras interior/exterior pelas quais o um – sujeito, discurso – se delimita na pluralidade dos outros, e ao mesmo tempo afirma e figura dum enunciador exterior ao seu discurso.” (Authier-Revuz, 1990, p. 32).

A grosso modo, segundo a autora, a heterogeneidade constitutiva compreende os processos que fundam e tornam mesmo possível qualquer discurso. Já a heterogeneidade mostrada corresponde às emergências, na materialidade, desse outro exterior. Em certo sentido, essa última é também constitutiva, visto que

além do eu que se coloca como sujeito de seu discurso, [...] as formas marcadas da heteroge-

neidade [...] reforçam, confirmam, asseguram esse 'eu' por uma delimitação de identidade, dando corpo ao discurso – pela forma, pelo contorno, pelas bordas, pelos limites que elas traçam – e dando forma ao sujeito enunciador – pela posição e atividade metalinguística que encenam. (Authier-Revuz, 1990, p. 33, grifos da autora).

desse discurso, de um lado pelos pontos escolhidos para colocar explicitamente fronteiras, limites, demarcações – quer dizer, de que outro é preciso se defender, a que outros é preciso recorrer para se constituir – de outro lado, pelo tipo de relação que aí se joga com o outro, relação explicitada pelas glosas ou interpretável pelo contexto [...] (Authier-Revuz, 1990, p. 31).

As evidências da heterogeneidade constitutiva na superfície do discurso não são de modo algum tomadas como tais pelo autor. Contrariamente, a relação das formas marcadas com a heterogeneidade constitutiva é de denegação, pois, tornando o outro localizável em certas partes do seu dizer, o autor invalida seu caráter constitutivo (não accidental), terminando por afirmar-se como senhor do que diz e detentor pleno e final da orientação do seu discurso. Nesse processo, ele vive sob a ilusão de construir-se a si mesmo (a sua posição) ao definir-se exatamente naquilo com que se desidentifica e, logo, as decisões concretas decorrentes dessa desidentificação (refletidas, como se lê acima, em forma, contorno, bordas ou limites traçados) entram como “medidas de segurança” para a não implicação desse sujeito no que se julga, por alguma razão, alheio a seu contexto enunciativo.

Nessa lógica, embora de maneira não consciente para o autor, a heterogeneidade mostrada no discurso manifesta tipos de negociação desse com a heterogeneidade constitutiva (Authier-Revuz, 2004). Do mesmo modo, conforme Authier-Revuz (1990, p. 31), não apenas o sujeito, mas também o discurso nasce de uma relação de diferença (ganha um corpo), haja vista que, à medida que o fragmento marcado remete a um exterior específico, determina automaticamente o interior, o do discurso. Nesse ínterim,

Também a zona de “contato” entre exterior(es) e interior que mostra as marcas de distância num discurso é profundamente reveladora

Com “relação [...] interpretável pelo contexto”, tem-se em vista as formas não marcadas de heterogeneidade mostrada, nas quais a presença do Outro é apenas sugerida, não circunscrita (destacada). Formas como, por exemplo, discurso indireto livre, ironia, antífrase, imitação, alusão, metáfora e o jogo de palavras revelam um ponto de mais incerteza no continuum que vai da representação do outro até este próprio. Elas constituem “[...] uma outra forma de negociação com a heterogeneidade constitutiva; uma forma mais arriscada, porque joga com a diluição, com a dissolução do outro no um, onde este, precisamente aqui pode ser enfaticamente confirmado mas também onde pode se perder.” (Authier-Revuz, 1990, p. 34, grifos da autora).

As formas marcadas e não marcadas de heterogeneidade mostrada estão, em diferentes graus, ligadas à estrutura enunciativa da conotação autonímica, fenômeno em que uma palavra é tanto mostrada quanto utilizada no fio do discurso. Segundo Authier-Revuz (2004, p. 218), trata-se do “uso das palavras com conotação de menção”. O conceito está, portanto, ligado ao uso autonímico da palavra, realizado em contextos metalinguísticos de comentário de um termo ou da introdução de uma citação direta. Segundo a autora, o “elemento autonímico constitui, no enunciado em que figura, um corpo estranho [...]; nesse sentido, pode-se considerar essas palavras aspeadas como ‘mantidas à distância’, em um primeiro sentido, como se mantém afastado um objeto

que se olha e que se mostra.” (Authier-Revuz, 2004, p. 218).

Authier-Revuz (2004) afirma que a conotação autonímica age pelo modo do discurso indireto livre – na qual nenhum sinal demarca a parte conotada de uma parte do discurso sintaticamente integrada – e pelas palavras e sintagmas destacados, dentre outros elementos, pelas aspas de distanciamento. Diante disso, pode-se entender, a partir especificamente desse último caso de conotação autonímica, o que significa dar forma ao sujeito enunciador pela atividade metalingüística, ideia trazida no trecho citado no início dessa discussão. Segundo Authier-Revuz (2004, p. 219-220, grifos da autora), a palavra da conotação autonímica é o lugar da suspensão da responsabilidade, que provoca um vazio a ser preenchido na interpretação, um apelo de glosa, geralmente implícito. A glosa é requerida porque o sujeito, pelo uso das aspas de distanciamento, silencia precisamente onde fala. Logo, esse comentário supõe

[...] que, de modo global, uma atitude metalingüística de desdobramento do locutor ocorre em uma fala acompanhada, duplicada, por um comentário crítico, no próprio curso de sua produção. Essa atitude manifesta uma aptidão: ela coloca o locutor em posição de juiz e dono das palavras, capaz de recuar, de emitir um julgamento sobre as palavras no momento em que as utiliza. [...] Em todos os casos, à suspensão de responsabilidade, que manifesta um questionamento de caráter apropriado da palavra ao discurso no qual é utilizada – nos dois sentidos desta: “pertencente a” e “adaptado a” –, corresponde uma glosa, implícita, remetendo a um discurso-outro.

A não apropriação das palavras é responsável por uma série de modalidades de distanciamento, que correspondem a diferentes papéis do uso das aspas. De acordo com Authier-Revuz (2004), a função que

atravessa todos esses usos é o de constituir, face à diferença, as palavras não aspeadas como adequadas. Particularmente, as aspas são usadas para assinalar deslocamento ou pertencimento da palavra a outro discurso, para distinção dos sujeitos, para delimitar modos de falar não legítimos do produtor ou, contrariamente, para questionar ofensivamente o caráter apropriado de uma palavra, para dar ênfase.

As aspas, ao se fazerem na borda do discurso, entram na constituição desse como “o eco de seu encontro com o exterior. Apesar dos termos interior/exterior, borda, fronteira, esse encontro não se faz segundo uma linha de justaposição, mas na forma de uma zona de interação, de imbricação, de invasão.” (Authier-Revuz, 2004, p. 29, grifos da autora). Elas são pistas da relação tensa do sujeito com a palavra alheia, tanto da aspeada no discurso produzido quanto da palavra futura convocada pela antecipação da resposta do interlocutor a esse todo. Adiante, expõe-se os procedimentos e critérios adotados para a condução da pesquisa, demonstrando a consideração dada a esse sinal no recorte do corpus.

Metodologia

Esta pesquisa segue a abordagem qualitativa e, quanto aos fins, classifica-se como descritiva-interpretativista, tendo em vista o seu interesse de averiguar, caracterizar e tecer compreensões acerca dos efeitos das formas de entrada do discurso alheio na manchete para a leitura humorística do posicionamento jornalístico. Assim, para seleção do corpus, a pesquisa adotou os seguintes procedimentos: i) após a leitura da manchete comentada na introdução, resolveu-se realizar uma ligeira busca por mais conteúdos do site iFunny Brasil. Para isso, fez-se uso da palavra-chave “manchetes meme”; ii) dentre os conteúdos, foi encontrada a ima-

gem de uma publicação da página de Facebook “Grandes manchetes do jornalismo brasileiro”, que o post do iFunny indicava, em comentário na parte superior, como um ótimo lugar para encontrar notícias engraçadas e fazer memes; iii) seguindo esse direcionamento, realizou-se a visita à página e a separação dos posts com as manchetes escolhidas; iv) finalmente, houve a extração do corpus nos sites oficiais dos portais de informação.

Esse último recorte do objeto de análise levou em conta os seguintes critérios: i) data de publicação da manchete circunscrita entre os últimos três anos; ii) noticiabilidade do evento relatado, observável na abordagem do mesmo fato em outros portais de informação; iii) ligação a uma fonte de notícias reconhecida, com número significativo de seguidores em páginas de redes sociais, representativamente o Instagram; iv) presença das aspas. À vista desses pontos e por questões dos limites de espaço do trabalho, foram selecionadas duas manchetes – uma do portal R7, publicada em 17 de março de 2022, e outra do portal iG, datada de 23 de janeiro de 2023. A primeira manchete traz uma atualização desanimadora sobre uma suposta descoberta vegetal de interesse da comunidade mundial científica. Já a segunda manchete tematiza o motivo da decisão de rompimento do casamento divulgado por um ator da emissora televisiva brasileira Globo, o qual foi alvo de intensas críticas nas mídias sociais e, logo, das matérias jornalísticas. Atualmente, o portal R7 conta com 6,1 milhões de seguidores, enquanto o iG soma o número de 96,1 mil. Nas duas manchetes, a referência ao discurso alheio por meio das aspas não é marcadora do discurso direto. Para melhor atender aos objetivos da pesquisa, não foram considerados os subtítulos das manchetes.

Em segundo momento, procedeu-se à pesquisa bibliográfica, com a consulta a

obras basilares da Análise Dialógica do Discurso – Bakhtin (2002; 2010); Volóchinov (2021) – nas quais se revela um aprofundamento da natureza dialógica do discurso e dos tipos e variedades seu endereçamento ao outro. Paralelamente, recorreu-se a trabalhos inspirados nessa teoria que fornecem categorias de interpretação auxiliares, como forma de direcionamento do movimento analítico empreendido sobre o corpus – Authier-Revuz (1990; 2004). Ainda, considerou-se estudos que, semelhantemente, enfrentam o enunciado jornalístico, constatando fragilidades na sua armadura de objetividade – Brait (2003); Vianna (2014). Finalmente, chegou-se à análise do corpus e à discussão de seus resultados, etapa apresentada a seguir.

3. “Em minhas palavras, falam palavras alheias”: a manchete no território do outro

Como gênero que tem por principal função informar, a manchete opera como um compósito de respostas pontuais para situar confortavelmente o leitor em relação a um importante acontecimento recente. Nesse sentido, é natural que, em sua composição, ela reporte diretamente esse interlocutor às falas dos envolvidos da situação, o que engenhosamente revela-se como caminho para reforçar a imagem de uma perspectiva desinteressada de apresentação dos fatos, já que, à presença do outro “nu e cru”, espera-se que o leitor esteja livre para construir suas próprias conclusões. Embora, como tem-se discutido, a transmissão do discurso alheio nunca seja fidedigna frente a sua expressão original, tal ideia é razoável, e, sem dúvidas, é um dos fatores que concorrem para a recorrência de citações diretas na prática de redação jornalística.

Logo, a utilização das aspas têm aqui uma especial relevância por denotar uma

forma marcada de introdução da outra voz. Circunscrever com esse sinal um dado termo é antecipar-se ao interlocutor no cuidado com a idoneidade do veículo informativo; é saber e evidenciar ao leitor o conhecimento de que os direitos de que certas palavras não lhe pertencem e que é direito desse interlocutor conhecê-las em sua feição original. Ocorre, porém, que as formas de incorporação desse outro não são completamente engessadas ao uso típico do discurso direto, no qual há uma descontinuidade no plano sintático, que, nesse contexto, se subdivide no bloco citante e no bloco de citação. Logo, o efeito de objetividade pode ser perseguido por outros meios, do que é um exemplo a manchete a seguir.

A manchete acima trata do resultado da verificação do peso de uma suposta batata, batizada como “Doug”, encontrada por um casal de fazendeiros da Nova Zelândia no terreno de sua propriedade, em agosto de 2021. É interessante, primeiramente, observar que o enunciado não se inicia por esse relato, mas por uma avaliação sobre ele, uma nomeação que encerra o acontecimento numa categoria ou lugar de sentido que, se, por um lado, anuncia a comunicação de um evento frustrante, por outro, não permite ao interlocutor ir mais além nas suspeitas do que virá adiante – é uma primeira coordenada, mas vaga. Lendo-se a notícia completa, nota-se que a escolha por esse termo inicial, operador de uma espécie de encapsulamento do fato noticiado, parece ser solidária ao casal de fazendeiros cujos planos foram frustrados pela divulgação do exame.

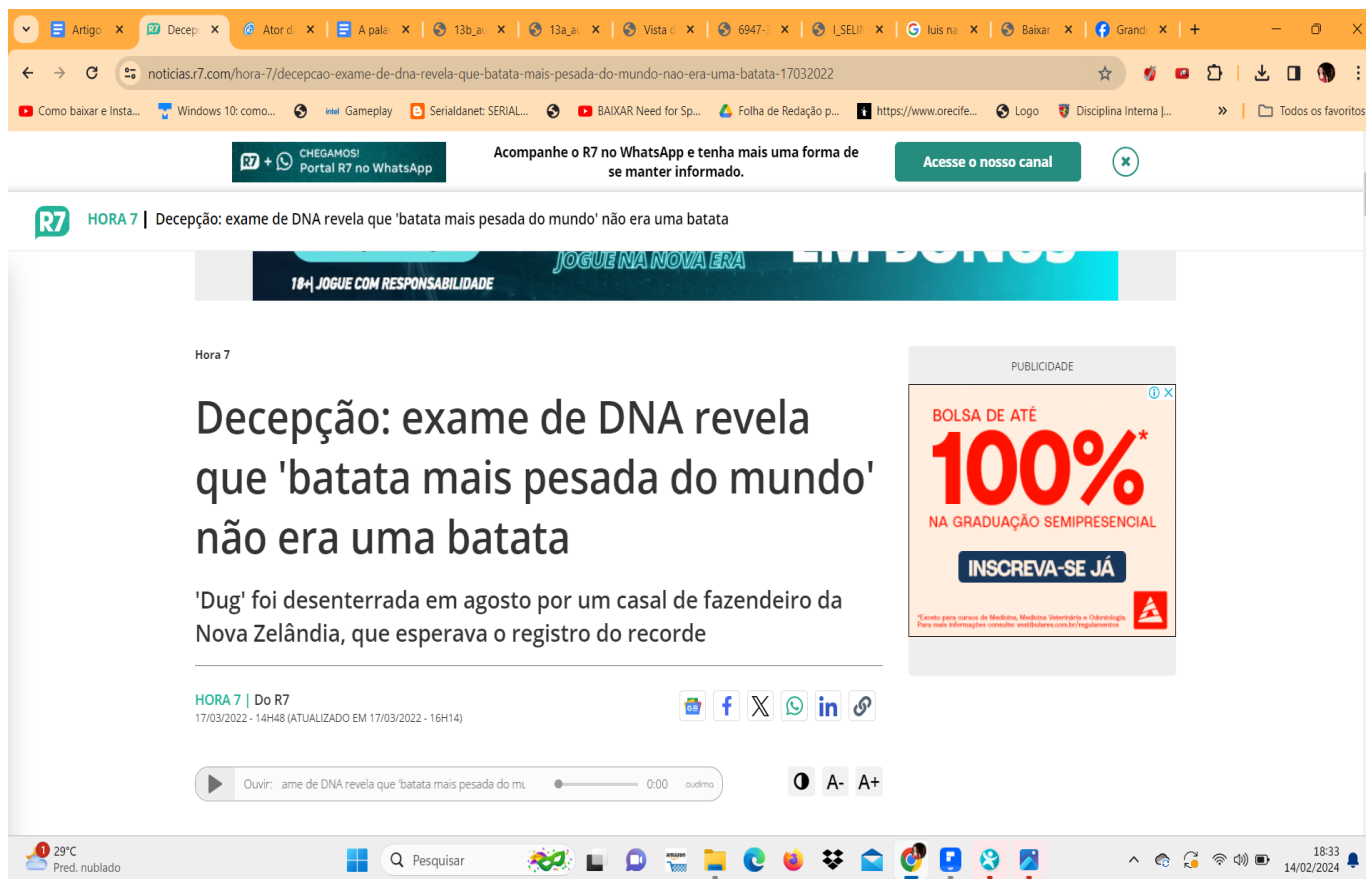
Essa maneira invertida de apresentação de um evento, que antecipa o comentário, a avaliação, ao próprio relato, age como uma estratégia eficaz de ativação do interesse do leitor, enredando-o na novidade trazida pela notícia. O que é uma decepção e por quê? São possíveis perguntas suscitadas pela leitura dessa primeira palavra e respon-

didadas na sequência até o final da manchete: “[...] exame de DNA revela que ‘batata mais pesada do mundo’ não era uma batata.”

A atenção da manchete está agora voltada para a voz da ciência, representada pelo exame, a qual tem o poder de validar ou negar a qualificação dada à batata. Isso é visto na força expressiva do verbo escolhido para introduzir a conclusão do documento – “revela” –, com o sentido de “mostrar”, “pôr a descoberto”, isto é, dar fim às dúvidas. Tal detalhe indica a importância do que se mostrará adiante. O verbo e sua conjunção integrante apontam para a estrutura do discurso indireto, não obstante a ocorrência de uma expressão entre aspas na sequência. Há, na realidade, uma mistura de traços do tipo direto e indireto do discurso reportado, e esse elemento cria na manchete uma espécie de duplicidade vocal. De fato, o todo de seu enunciado é composto por palavras próprias e estruturalmente perfaz um só plano, mas também indica, em um ponto específico, o pertencimento dessas palavras a um outro lugar discursivo. A manchete deliberadamente integra a sua voz à voz da ciência, evidenciando não o propósito de individualizá-la, ou idealmente deixá-la falar sozinha ao leitor, mas o de apresentá-la como objeto de sua intenção juntamente ao fato concreto relatado. Em suma, o discurso alheio é, simultânea e paradoxalmente, organicamente ligado à manchete e deslocado em relação a ela. O discurso alheio é trazido para ser diferenciado da manchete, que dele se afasta.

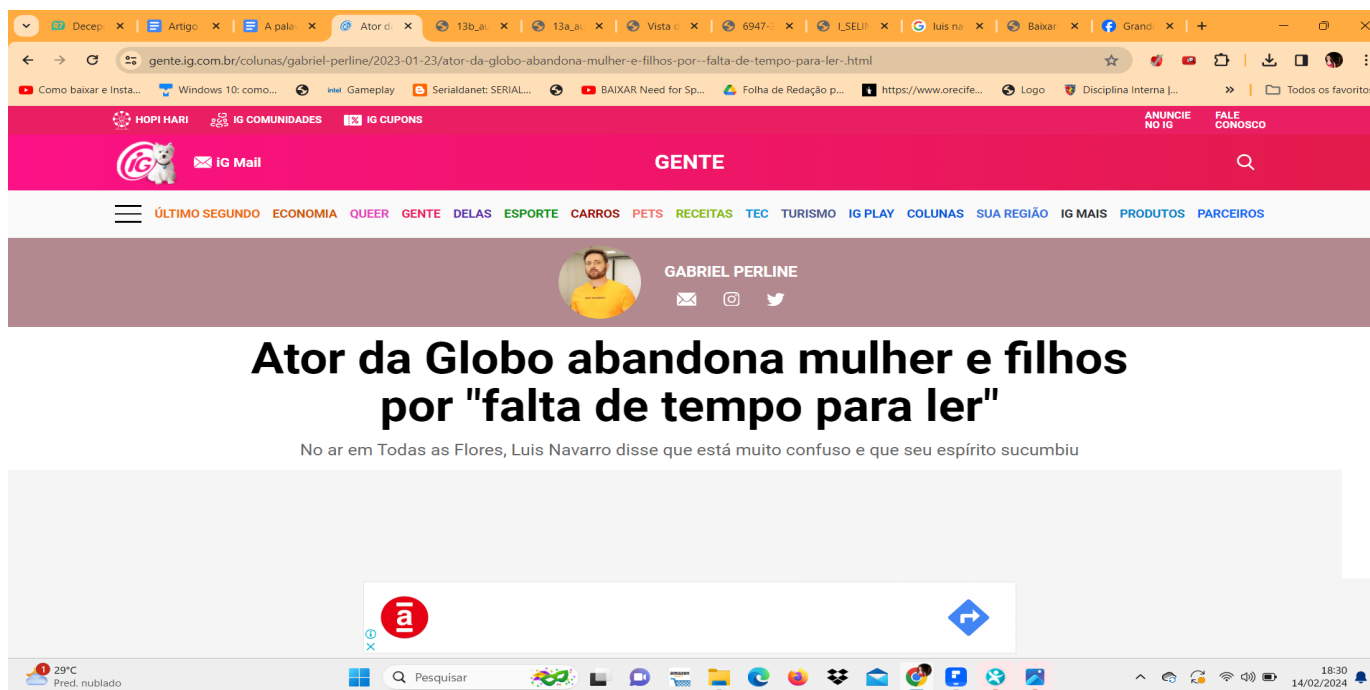
Logo, as aspas em “batata mais pesada do mundo” marcam localmente a não coincidência entre o discurso da manchete e o discurso alheio, tanto relativamente à situação extraverbal imediata – com a descoberta que motivou o envio das informações sobre o tubérculo para o Livro dos Recordes e a posterior pesquisa que negou a sua classificação neste documento – quanto ao

Figura 1. Manchete 1



Fonte: R7 Notícias (17 de março de 2022)

Figura 2. Manchete 2



Fonte: Portal iG (23 de janeiro de 2023)

contexto sócio-histórico mais amplo – aos discursos sobre a batata que, comprovadamente, alcançou a marca mundial do maior peso. Essa não coincidência concerne ao fato de que a manchete não dissolve o discurso alheio em si, mas antes destaca a sua natureza outra, como a evitar responsabilizar-se por uma afirmação de uma realidade ainda não comprovada. Além disso, considerando que o título de “batata mais pesada do mundo” já é atualmente usado em referência a uma descoberta anterior atestada essa sim como recorde, a manchete demonstra coerentemente uma cautela ao remeter esse título ao mais novo achado. Sem a conclusão dos testes científicos, o discurso alheio atualizado no contexto da mais recente descoberta não pode deitar raízes no enunciado jornalístico sem ressalvas, as quais, no exemplo analisado, são lidas implicitamente por meio do recurso das aspas.

O trecho seguinte da manchete resolve finalmente o mistério em torno de um possível recorde para o peso da batata. A classificação não é aceita por um motivo de certa forma inesperado: o vegetal analisado não era uma batata. Como num plot twist narrativo, a manchete é construída de modo a canalizar toda força dessa surpresa ao leitor, o que explica a justaposição em explícito contraste da expressão alheia marcada e do retorno à voz autoral: “[...] ‘batata mais pesada do mundo’ não era uma batata.” Assim, a quebra de expectativa gera à manchete uma feição não só interessante, como um tanto engraçada, levando, nesse momento, o leitor a questões como: Que características do vegetal encontrado produziram uma confusão desse tipo? Se não é uma batata, o que pode ser? Dessa forma, a manchete novamente coloca o leitor na “rota do consumo da notícia”, tendo nele criado necessidades informativas às quais se propõe atender. Um exemplo não menos interessante desse tipo de enunciado como isca formidável jornalís-

tica pode ser visto abaixo:

Esta manchete aborda a separação de Luis Navarro e Ivi Pizzoti, na época em que o ator estava no ar na novela *Todas as Flores*, em janeiro de 2023. Como é natural, a manchete apresenta um certo sensacionalismo, primeiro pela substituição do nome da pessoa envolvida pela sua filiação profissional e, depois, pela palavra “abandona”. A não identificação inicial do ator cria um vazio informativo – e, por conseguinte, o fortalecimento da curiosidade do público-leitor –, agravado pela seriedade do verbo “abandonar”. À vista disso, como naquele famoso desenho animado, é bem provável que o interlocutor da manchete fique, já desde esse ponto, ansioso para descobrir quem é o protagonista vilão do relato.

Diferentemente do exemplo anterior, no qual a composição de discurso indireto (pela introdução do verbo “revelar”, próximo aos verbos dicendi) prepara a entrada da voz de um participante direto do evento, aqui a perspectiva se volta do início ao final para o fato noticiado em si – a separação –, e a voz alheia é alterada mais visivelmente pelas intenções do autor. No corpo da notícia que se segue à manchete, reproduz-se o seguinte comunicado de Navarro sobre o motivo da separação publicado em suas redes sociais: “Eu me encontro confuso com a vida e tomei a decisão de reencontrar a minha essência e pra isso precisei dar um tempo no relacionamento. Não lembro a última vez que fiquei sozinho pra refletir, que li um livro ou que me olhei no espelho e me orgulhasse de mim.”. Vê-se que o ator não afirma diretamente a falta de tempo para leitura como causadora de sua decisão, mas apenas a sugere.

Ainda assim, pela futilidade e, consequentemente, questionabilidade do fator sugerido como razão do término do casamento, não apenas o portal iG mas também outras fontes de informação como *Veja* e *Catraca Livre* noticiaram a separação desta-

cando esse motivo. Antes mesmo das agências jornalísticas, o escândalo decorrente da ação de Luis Navarro já vinha sendo manifesto em comentários à postagem do ator (que foi posteriormente excluída) e em tweets de internautas, por exemplo. Logo, as luzes vermelhas da crítica social já estavam direcionadas sobre o literalmente incrível acontecimento, que, especialmente quando reportado, chega a parecer uma brincadeira. É justamente aí que se marca propositadamente o desencontro entre o discurso da manchete e o discurso retextualizado de Navarro. As aspas em “[...] falta de tempo para ler”, mais do que destacarem a voz alheia do fundo da voz jornalística, fazendo-a ser percebida como tal, evidenciam uma distância irônica do produtor. A simplicidade do motivo formulado na manchete e a sua circunscrição pelas aspas criam o contexto expressivo ideal para se depreender de seu enunciado um espécie de rompimento com a informação anunciada, sob a forma de uma não séria aceitação ou mesmo de descrédito ao que ele mesmo está dizendo.

Assim como no primeiro exemplo, o trabalho metaenunciativo do discurso da manchete revelado pelas aspas servem ao objetivo de preservar a imagem do jornal de quaisquer intercorrências quanto à situação da batata “Doug” em relação ao recorde mundial para sua categoria, nesta segunda vê-se que a conjuntura acerca dela apontada evoca uma outra função para as aspas de distanciamento: a derrisão irônica. A manchete volta-se sobre o que sustenta para questionar-se, tudo em um só tempo, e assim o processo e o produto se dão a conhecer no mesmo momento e espaço material – o do discurso alheio utilizado e mostrado.

Colocando em miúdos, é como se ao discurso alheio utilizado como parte sintaticamente integrada à manchete respondesse o discurso mostrado, objetificado, que, nesse lugar de exposição e realce, é subvertido.

Pode-se imaginar essa subversão por meio de uma breve analogia com uma hipotética conversação oral.³ Imagine-se que, ao ouvir o seu interlocutor, alguém prontamente responde em tom galhofeiro: “É mesmo?” Com essa devolução do turno ao primeiro falante, entende-se que o autor da pergunta não tem o interesse de saber mais sobre o afirmado, mas de perturbá-lo, gracejando do próprio pensamento de sua existência, bem como da possível adesão que ele pode alcançar. Trata-se de um ataque indireto à legitimidade de uma ideia, o qual busca desconstruir uma verdade pelo mesmo caminho que se poderia reforçá-la. Eis o jogo sutil e poderoso da ironia.

Semelhantemente, a segunda manchete deflagra esse valor irônico pela simples colocação das aspas, que, sobrelevando o discurso alheio dentre os outros elementos do corpo do enunciado e à vista do leitor, termina por expor o ator Luis Navarro ao ridículo, transformando, sem muito esforço, sua vida pessoal de fato jornalístico em um fato próprio ao humor. Embora todos os sentidos acima apresentados estejam implícitos no enunciado, eles podem sem dúvidas ser recuperados pelos acompanhantes do portal iG, haja vista a interlocução que esses leitores travam não apenas com tal veículo informativo, mas também com outras mídias e fontes de informação/opinião. Sabe-se que a manchete, pela sua função social, precisa omitir vieses subjetivos, mas essa omissão não implica um leitor ingênuo, já que, como todo enunciado, a manchete não fala sozinha. Ela está endereçada a outros enunciados internos e externos à esfera jornalística, e é justamente do interior dessa corrente dialógica sempre aberta de vozes que se produz as várias compreensões do gênero.

3 Escolheu-se trazer este exemplo à luz do que afirma Volóchinov (2021). Segundo o autor, a entoação expressiva é o nível mais óbvio e superficial da apreciação social contida na palavra.

Considerações finais

Este trabalho observou a demarcação da voz alheia em duas manchetes virtuais publicadas em uma página de humor do Facebook, buscando examinar suas implicações para a leitura humorística do posicionamento jornalístico. Primeiramente, os resultados da análise apontaram que, nos dois exemplos analisados, o discurso alheio integrou sintaticamente o discurso da manchete sendo ao mesmo tempo alvo de uma intenção por parte do sujeito produtor, o que foi indicado pelas aspas. Logo, o discurso alheio foi utilizado simultaneamente em uso e em menção, e tal abordagem gerou um fundo humorístico, que, por sua vez, tomou diferentes proporções em cada caso.

A manchete 1 se inicia por uma palavra avaliativa, a qual sozinha não responde a possíveis questionamentos do leitor sobre o assunto da notícia. Esse aspecto cria no fio do enunciado um suspense para o relato que virá adiante, funcionando como uma estratégia eficaz de ativação do interesse. A estrutura da manchete é de discurso indireto, que é composto pelo discurso-outro introduzido entre as aspas, isto é, mencionado. Essas aspas objetivam promover um afastamento em relação ao discurso alheio, como forma de indicar o não comprometimento da manchete e, por extensão, do veículo informativo com a afirmação nele sustentada. O discurso alheio aspeado é justaposto ao trecho seguinte da manchete (em discurso indireto) inesperadamente contrário ao sentido desse primeiro discurso. Tal conjuntura leva à quebra de expectativas do leitor, sendo responsável pela leitura humorística da manchete.

Já na manchete 2, a não identificação inicial do sujeito alvo da notícia e a designação de sua ação pela palavra “abandona” criam uma urgência de material informativo que dão a consistência adequada da

manchete como instrumento de captação do leitor. A manchete se detém nas informações sobre a decisão de Luis Navarro, e, nesse meio-tempo, opera um recorte do discurso desse ator que é, na realidade, não uma reprodução direta, mas uma sensível mudança desse mediante a retextualização do pronunciamento do ator sobre as razões que o levaram a interromper o casamento. Esse recorte discursivo é trazido entre aspas, e aqui também essas marcam uma busca da manchete por sinalizar a origem alheia do dizer, mas de um modo mais radical. Agora o sinal assume uma conotação irônica, na medida em que a manchete, lidando com o discurso alterado de Navarro, afirma o motivo da “falta de tempo para ler” fazendo soar sob essa afirmação um questionamento acerca da legitimidade dessa mesma razão. Dessa forma, o discurso da manchete desdobra-se sobre si mesmo para problematizar a seriedade do próprio evento que comunica, haja vista a sua natureza demasiado simplória para motivar o rompimento de um casamento. Essa duplicidade da construção da manchete – de afirmação e negação do conteúdo noticiado – gerada pelas aspas é o elemento-chave da produção do sentido humorístico.

Diante de tais achados, novas pesquisas podem ser conduzidas, face à amplitude de inter-relações que um discurso pode travar com outros que incorpora, explícita ou veladamente. Ainda no campo da ADD, indo além das formas marcadas da presença do outro, pode-se enveredar por estudos da presença constitutiva, diluída, do discurso alheio no fio do discurso autoral – como o discurso indireto livre, demonstrando, nesse fim, as particularidades de relações de sentido decorrentes dessa sugestão – não mostra – do alheio, tais como a ironia. Acredita-se que esses aprofundamentos poderão contribuir com a proposta já iniciada por Bakhtin e o Círculo de uma abordagem do

discurso reportado não limitada ao modelo sintático reiterável, mas voltada principalmente as modificações desse, decorrentes das mudanças absorvidas pela língua em relação com a ideologia em cada momento de sua história.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 19, p. 25-42, 1990. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636824/4545>. Acesso em: 17 fev. 2024.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética: a Teoria do Romance*. São Paulo: Editora Hucitec Annablume, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BRAIT, Beth. *Manuais de redação e estilo: gêneros do discurso, linguagem e objetividade na imprensa*. *The ESPECIALIST*, São Paulo, v. 24, nº especial, p. 85-110, 2003. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/esp/article/view/9488/7050>. Acesso em: 17 fev. 2024.

DECEPÇÃO: exame de DNA revela que “batata mais pesada do mundo” não era uma batata. *R7*, 2022. Disponível em: <https://noticias.r7.com/hora-7/decepcao-exame-de-dna-revela-que-batata-mais-pesada-do-mundo-nao-era-uma-batata-17032022>. Acesso em: 17 fev. 2024.

NUNES, Darcijane dos Santos; SILVA, Michel Pratini Bernardo da. O discurso de outrem como estratégia estilístico-socioideológica

nas manchetes de notícias veiculadas pelos jornais digitais G1 e R7. *Falange Miúda - Revista de Estudos Da Linguagem*, Cuiabá, v. 5 (1), p. 49-64, 2020. Disponível em: <https://www.falangemiuda.com.br/index.php/re-fami/article/view/248>. Acesso em: 18 jan. 2024.

PERLINE, Gabriel. Ator da globo abandona mulher e filhos por falta de “tempo para ler”. *iG*, 2023. Disponível em: <https://gente.ig.com.br/colunas/gabriel-perline/2023-01-23/ator-da-globo-abandona-mulher-e-filhos-por-falta-de-tempo-para-ler.html>. Acesso em: 17 fev. 2024.

VIANNA, Rodolfo. O emprego ambíguo das aspas no gênero jornalístico informativo. In: *Encontro de Pós-graduandos em Estudos Discursivos da USP (EPED)*, 5., 2014, São Paulo. Anais... São Paulo: Paulistana Editora, 2014. p. 253-273. Disponível em: <https://eped.fflch.usp.br/sites/eped.fflch.usp.br/files/Linguagem%2C%20Estrat%C3%A9gia%20e%20ReConstru%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2024.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2021.

Submissão: fevereiro
Aceite: março